

**INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA;
CIENTIFICISMO E CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE LOCAL**

Ana Clara Farias Brito , universidade Estadual de Feira de Santana

As instituições responsáveis pelo resgate da história brasileira criadas no século XIX, tinham como função definir o projeto de nação criando e difundindo a idéia de um passado homogêneo baseado nos grandes heróis, descartando a diversidade cultural e as experiências vivenciadas pelas diferentes raças que compunha a sociedade brasileira. Os atores destas instituições, pertencentes à elite intelectual brasileira, buscavam construir uma história nacional, nos moldes europeus e, portanto de exaltação e glória da pátria e tendo entre os modelos institucionais o Institut Historique de Paris.(Figueirôa,1997).

Com o objetivo de inserir o Brasil na modernidade os fundadores da instituição de resgate histórico, implementaram um discurso “ilustrado”, estas idéias baseadas inicialmente no evolucionismo serviriam para justificar entre outras questões a inferioridade negra e indígena e o eventual atraso brasileiro.

Os estudos dos espaços institucionais, principalmente no século XIX, são de fundamental importância para a historiografia pois longe de serem apenas a sede de desenvolvimento de atividades, as instituições são espaço de construção de conhecimento que permanecem em constante diálogo com a sociedade, o Estado e instituições estrangeiras, difundindo suas ideologias e construindo modelos de comportamento e análise dos fatos.

Desta forma, percebemos que os Institutos Históricos eram espaços cheios de significados para a sociedade do período e internamente, existia um constante jogo de ideologias e interesses entre seus participantes.

Por este motivo, sentimos a necessidade de analisar o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia criado no final do século XIX, momento de grande efervescência das idéias científicas que foram muito utilizadas na elaboração do seu projeto de construção de uma identidade baiana, servindo até para justificar a nova fase da Bahia que estaria definitivamente preparada para sair da decadência econômica e política em que se encontrava rumo ao progresso.

De forma mais específica procuramos focar a presença das ciências naturais tentando identificar sua presença e a maneira como elas se desenvolveram no Instituto da Bahia

Sendo valido destacar que a investigação das idéias científicas adotadas na Instituição baiana, parte da concepção da história social das ciências onde a ciência é vista como um componente cultural o que vai além da sua definição baseado somente nos pensamentos e idéias produzida por ela.

Desta forma, a definição adotada não percebe a ciência como uma lei valida para qualquer tempo e espaço e sim atenta para o processo de adoção e modificação dos modelos científicos “contextualizando-os em meio a fatores ideológicos políticos e econômicos que divergem a depender do período e da região onde foram utilizados” (Dias e Santana,1999), algo ainda pouco estudado na historiografia.

O ESPAÇO INSTITUCIONAL E A ELABORAÇÃO DA NACIONALIDADE

Os institutos históricos e geográficos são criados inicialmente com a função de construir uma identidade nacional para um Brasil recém independente que buscava fazer parte da modernidade já alcançada pelos países europeus.

Para tanto seria preciso construir um passado comum á todos os brasileiros, algo muito complexo em se tratando de um país de origem mestiça, mistura de diversas raças com histórias distintas.Desta forma seria preciso uma seleção no resgate da história que iria representar o passado brasileiro.

A primeira instituição criada em 1838 no Rio de Janeiro sob o título de Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) era identificado como o núcleo do saber e alicerces da nacionalidade eram eles “responsáveis por recriar o passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidade em personagens e eventos dispersos.”(Schwarcz, 1993).

Os objetivos da instituição que constam no Estatuto seriam a de “coligir, metodizar, publicar ou arquivar os documentos para a história e geografia do Brasil.” Seus criadores, embora fossem definidos como representantes de uma Instituição político-cultural apartada de debates políticos, eram membros da burocracia estatal e representavam também a elite pensante do país.

Tem-se aceito que o papel do Instituto Histórico e Geográfico seria restrito ao favorecimento da pesquisa histórica e literária, todavia, o instituto considerava-se representante das idéias ilustradas no Brasil sendo, portanto, espaço propício também para o desenvolvimento de atividades científicas.

A segunda metade do século XIX principalmente os anos posteriores a 1870 é caracterizado por Silvio Romero pelo surgimento de “um bando de idéias novas” ligadas principalmente as correntes científicas. Neste período, se acreditava na ciência como sinônimo de progresso.

Desta maneira, as idéias presente nas últimas décadas do século XIX, são tomadas como referência para o desencadeamento das atividades que resultaram na reformulação de instituições preexistentes e na criação de novos espaços institucionais para a prática científica. Neste período aparecem entre outras instituições a Escola de Minas de Ouro Preto (1875), Escola Agrícola da Bahia(1877), Estação Agrônoma de Campinas (1887) e ainda o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) e Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), ambos de 1894, Entretanto, mesmo a historiografia das ciências mais recente no Brasil, tem se concentrado em analisar as práticas científicas nas instituições do Rio de Janeiro e São Paulo sendo escassos estudos que extrapolem esta região, onde aparentemente ocorre maior incidência de instituições científicas. Podemos citar como exceção o trabalho de Giovana Galvão Tavares sobre o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

O INSTITUTO GEOGRAFICO E HISTORICO DA BAHIA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LOCAL

Por este motivo, sentimos a necessidade de investigar as práticas científicas utilizadas no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia principalmente no que diz respeito a constituição do seu projeto de identidade local.

Embora muito já se tenha escrito sobre história da Bahia, são escassos os trabalhos que tenham o IGHB como objeto de pesquisa, muitos se utilizam do material encontrado na Instituição, que ainda existe, para investigar sobretudo a história baiana, Entretanto, os pesquisadores, em sua maioria, não atentam para a constituição dos sócios, organização e objetivos da Instituição que foi responsável por construir a história da Bahia .

O Instituto Geográfico e Histórico da Bahia foi criado em maio de 1894, pouco tempo depois da proclamação da república. Neste momento, o Estado passava por uma grande crise econômica e política pois as transformações que ocorriam no país, sobretudo no Rio de Janeiro e São Paulo, com o início da industrialização e urbanização das cidades, não estavam sendo acompanhadas pela Bahia que ainda mantinha suas bases na economia agro-exportadora e ainda apresentava uma elite composta, em sua maioria, por grandes proprietários de terra.

Desta maneira, a criação IGHB tinha o intuito de resgatar o prestígio baiano e inserir o Estado na modernidade, evento conseguido, sobretudo, pela adoção das idéias científicas uma vez que no período a ciência era sinônimo de progresso.

Os espaços institucionais revelam-se de fundamental importância neste processo de resgate histórico, pois promove o processo de socialização do conhecimento, proporcionando as aproximações e solidariedades necessárias para o desencadeamento de ações conjuntas.

Criada por iniciativa de alguns membros da elite baiana, a instituição pretendia acolher em um mesmo espaço indivíduos que se dedicassem à atividade intelectual no Estado, sendo criada a oportunidade de se trabalhar em grupo, superando o isolamento que alguns se encontravam em suas iniciativas pessoais. (Silva,2001).

Ao adotar um projeto de trabalho em que estavam presentes a preocupação com a pesquisa, a comunicação de conhecimento e o envolvimento com a comunidade, a instituição logo conseguiu adesão de muitos sócios que através do pagamento de taxas mantinham seu funcionamento.

Os idealizadores da instituição faziam parte da elite dirigente e em sua maioria ocupavam uma posição chave no aparelho do Estado. Eram, sobretudo, engenheiros, advogados, farmacêuticos, médicos, viscondes e barões ou ocupavam cargos públicos, pois no final do século XIX a atividade intelectual não consistia em meio de vida e portanto não era desenvolvida como única função.

Apesar de compartilhar da idéia do resgate, até onde pesquisamos o apoio do estado foi muito mais verbal que financeiro. O governo baiano contribuía com uma quantia anual, entretanto, a maior receita utilizada para manter a instituição vinha das mensalidades dos sócios donativos e assinatura das revistas o que permitia aos fundadores e diretores do IGHB maior liberdade até mesmo para tecer críticas ao Estado no que diz respeito ao seu investimento nas “letras e ciências”.

Desta maneira, a instituição foi inaugurada em 1894 no Grêmio Literário sendo deslocando para o prédio da Santa Casa. Sua sede própria ira ser conseguida seis meses depois, sobretudo com o auxilio financeira dos sócios tendo o Estado dado pouca contribuição.

Ao analisarmos o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, utilizamos como principal fonte de pesquisa a Revista publicada desde o primeiro ano de fundação da Instituição, esta se apresenta como expressão do pensamento dos criadores do IGHB a cerca de diversos assuntos como História da Bahia e do Brasil, Geografia Regional, Geologia, Arqueologia, Literatura Baiana, sendo percebida uma preocupação com a criação de biografias de pessoas consideradas importantes para a história da Bahia.

Os artigos encontrados nos primeiros cinco anos de edição da revista, que tinha publicação trimestral, indica a preocupação em trazer para os leitores matérias ligadas a historia do Brasil. Todavia a maioria dos assuntos abordada trazia a Bahia como foco, seja na descrição de municípios, dos seus fortes, trazendo documentos sobre a emancipação política da Bahia, a riqueza mineral do Estado, seus poetas e biografia de homens considerados importantes na construção da historia baiana.

Diferente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838), o IGHB deu maior ênfase à assuntos ligados a descrição física do local, como um artigo que descreve “*A estrada de ferro da Bahia ao São Francisco*”, existem outros que abordam as viagens e descrições da Bahia, ou ainda outros que destacam “*O limite da Bahia e Pernambuco*”, “*O Estado da Bahia posição geográfica, dimensão, população e clima*”, “*Formação Geológica da cidade da Bahia e seus arredores*” e ainda outro trazendo “*curiosidades naturais*” da Bahia.

A historia política, a obra de poetas baianos e as biografias apareciam em quase todos os números da revista, entretanto, com menos destaque. Existiam, ainda, algumas matérias ligadas a historia, que se detinham a descrições não fazendo análises mais profundas sobre o tema. É o caso dos municípios analisados em suas “*Memórias descritivas*” dando destaque para a posição geográfica e riquezas naturais encontradas na região.

Essa preocupação com a descrição física decorre da falta de conhecimento adequando do território baiano, sendo as informações conhecidas, em sua maioria, notícias de viajantes estrangeiros que muitas vezes fazia interpretações errôneas do local.

IGHB E AS CIÊNCIAS NATURAIS

Os artigos sobre as riquezas minerais e explorações arqueológicas do Estado são constantes sendo apresentados inclusive em forma de continuação, o engenheiro Henrique Prager foi que mais publicou sobre as riquezas minerais baianas tendo seus artigos nos números 12, 13, 15, 19, o tenente Collatino Marques faz considerações sobre o mesmo assunto na revista de número 17. Apolinário Frot foi outro engenheiro responsável por algumas publicações como a exploração do *município do Prado*(n 15), e da *serra dos Aymorés*(n 16).

Nestes artigos que destacam as riquezas minerais, percebemos a necessidade dos autores em fazer detalhada descrição dos aspectos geológicos das regiões da Bahia, destacando a diversidade dos minerais encontrados, a alta qualidade do solo e ainda as diferentes formações das rochas. Sendo nítida a influência das idéias de Derby, Spix e Martius clássicos defensores das idéias científicas e de Gorceix fundador e diretor da Escola de Minas de Ouro Preto e grande conhecedor de mineralogia. Muitas vezes citados principalmente nos artigos de Henrique Prager

Entretanto, da mesma maneira que destacam as riquezas minerais baianas, os autores denunciavam a falta de maiores investimentos na região, sendo uma região rica mais com práticas industriais ainda muito “atrasadas”.

Desta maneira, Prager indica em seus artigos mudanças na indústria que permitem ao Estado explorar todos os seus tesouros. Estas mudanças consistiriam em uma maior investigação do local por peritos científicos e do uso de poderosos aparelhos industriais.

IGHB E INSTITUTO PROVINCIAL : APROXIMAÇÕES E DIVERGÊNCIAS

A aproximação do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia com as idéias científicas se torna mais evidente quando nos deparamos com informações de outra instituição com o mesmo objetivo de resgate da história baiana mais que durou apenas treze.

O Instituto Provincial foi criado em 1856 tendo como diretor de honra o Arcebispo da Bahia D. Romualdo de Seixas. As primeiras informações que tivemos acesso se encontram

logo no início da primeira revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia seus autores destacam que do antigo Instituto Provincial nada restou, *Tudo mais passou ação, esforços, pensamentos, palavras e documentos de pé ficaram somente aquela saudação e aqueles sobreviventes ,para incentivo e exemplo, com scintilha de fogo inextinguível da fé pela ciência e do amor pela história pátria(...)*”(Revista do IGHB,nº1, p-1)

Apesar de se proporem a fazer um resgate da história da antiga instituição, os fundadores do IGHB deixam claro que o instituto criado em 1894 se trata de outro espaço institucional, principalmente no que diz respeito às idéias difundidas.

Ao analisarmos o material que tivemos contato das duas instituições, percebemos a diferença nos encaminhamentos dos artigos. Embora as duas instituições procurassem escrever a História da Bahia percebe-se que os assuntos são abordados de maneiras diferentes, enquanto o Instituto Provincial, criado no Império, se aproxima de um viés mais literário influenciado pelo romantismo, e portanto muito mais subjetivo, o Instituto Geográfico e Histórico fundado trinta anos depois, se preocupa em trazer maiores descrições sobre o espaço físico do Estado da Bahia.

Portanto, não apenas o contexto econômico e político são diferentes, mas também pressupostos científicos e institucionais são distintos.

Vem daí a justificativa dos sócios do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia para o fim do Instituto Provincial. Os criadores do IGHB achavam-se parte da renovação social que acompanhava o florescimento científico e, portanto, compartilhavam das novas idéias capazes de transformar as Instituições. Estas novas idéias passam pela valorização das ciências naturais e também pela concepção de história que abandona sua visão de fabula, para ganhar um caráter de ciência exercendo a função de resgate do passado para uma conseqüente leitura do futuro.

*“Mais do que n`aquelles tempos devia, com efeito, despertar hoje profundo interesse a fundação de uma instituição deste gênero(...) no presente Nierbuhr e Leopoldo Ranke tinham varrido do campo da primeira d`quellas sciências o miraculoso tecido de ficções e fábulas,(..).”**Veio, pore, depois a era gloriosa da suprema agudeza e actividade intellectual, com que a ultima metade deste seculo vae desvendando os segredos da natureza e do homem, a luz maravilhosa dos estudos phisicos, chimicos e biologicos.**”(RIGHB,nº1 p-4).(Grifos nossos)*

O estudo do espaço institucional reservado para o resgate da história da Bahia, nos permite a identificação dos fundadores e sócios e o relacionamento que estabeleciam com a instituição, com o aparelho do Estado e com a sociedade, possibilitando desvendar muitos aspectos referentes à construção da história e da memória oficial baiana, sendo estas informações em muito enriquecidas com a descoberta da existência do Instituto Provincial onde se torna nítida as mudanças e permanências nas concepções científicas e no relacionamento da sociedade com o espaço institucional.

Os intelectuais do final do século XIX, também faziam parte da elite local, e passaram pelos quadros da instituição sendo estes mesmos intelectuais responsáveis pelo ensino dos cidadãos baianos além de participarem da construção e restauração da cidade e estarem presentes nos sistemas que decidiam juridicamente os rumos que deveriam ser seguidos pela Bahia.

Desta maneira torna-se de fundamental importância a investigação do espaço institucional para o melhor entendimento da construção da história da Bahia do final do XIX e início do século XX, pois este local onde ocorriam constantes trocas de experiências da elite intelectual, com as elites econômicas e políticas da Bahia, a qual eles também faziam parte, e toda a sociedade baiana construindo e difundindo modelos de análise e defendendo ideologias que acreditavam necessárias para levar a Bahia ao progresso já alcançado por outras capitais brasileiras, sendo importante perceber que a influência do cientificismo e a conseqüente valorização das ciências naturais está intrinsecamente ligado ao ideal de identidade que os intelectuais baianos estavam pretendendo construir.

BIBLIOGRAFIA

CALLARI, Claudia Regina, “Os Institutos Históricos do patronato de D. Pedro II à construção do Tiradentes.” In: Revista Brasileira de História. vol. 21, nº40, 2001

ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas “Relações científicas e tradições locais: Modelos Institucionais no Brasil do final do século XIX”. In: ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria & MAIA, Carlos A. A História da Ciência :o mapa do conhecimento. Rio de Janeiro. Expressão e cultura, 1995. DANTES, Maria Amélia Mascarenhas.

_____. "Espaço da Ciência no Brasil 1800a 1930". Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001

DIAS, André Luís Mattedi, SANTANA, José Carlos Barreto de. "Linha de Pesquisa em História das Ciências no Brasil com ênfase na Bahia. Proposta de Linha de Pesquisa", DEXA/ UEFS, 1999

FIGUEIRÔA, Sílvia F. de M. “As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934”. São Paulo: HUCITEC, 1997.

FIGUEIRÔA, Sílvia. "UM olhar sobre o passado. História das ciências na América Latina. São Paulo, UNICAMP. 1999

SANTANA, José Carlos Barreto de. “Ciência e Arte: Euclides da Cunha e as ciências naturais”. São Paulo/Feira de Santana: HUCITEC / UEFS, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. "O espetáculo das Raças: Cientistas Instituições e a questão racial no Brasil 1870-1930". São Paulo. Cia das Letras. 1993.

SILVA, Paulo Santos Silva. “Âncoras de tradição, luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949). Salvador. Edufba. 2001